

O que a Bíblia ensina sobre **Carnes Limpas e Imundas?**



O que a Bíblia ensina sobre **Carnes Limpas e Imundas?**

© 2020 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA
*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.*

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.
É um serviço educacional de interesse público, publicada
pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional.*

Índice

- 3 Carnes Limpas e Imundas: A Palavra de Deus Estabelece Alguma Distinção?**
- 10 Como Podemos Compreender as Escrituras?
- 12 Entendendo o Termo “Imundo” em Romanos 14
- 14 O Novo Testamento Acaba Com as Distinções de Carnes?**
- 23 Não é Apenas Uma Questão de Dieta
- 24 Quais animais a Bíblia designa como “limpos” e “imundos”?
- 25 Animais Que a Bíblia Reconhece Como “Limpos”
- 26 Animais Que a Bíblia Considera “Imundos”
- 28 Apenas Uma Questão de Saúde?**
- 34 Um Caso do Ministério de Jesus Cristo
- 35 Apenas Uma Questão de Cozimento Adequado?

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada
 ACF – Almeida Corrigida Fiel
 BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
 NVI – Nova Versão Internacional

Carnes Limpas e Imundas: A Palavra de Deus Estabelece Alguma Distinção?

Muitas pessoas têm conceitos errôneos sobre o que devemos e não devemos comer. O que dizem as Escrituras sobre este assunto?

Deus nos deu as Suas leis para o nosso bem. Elas nos revelam as verdadeiras normas de Deus—como distinguir entre o bem e o mal, entre o correto e o errado, entre o que é benéfico e o que é prejudicial. E nos ensinam a diferenciar entre o santo e o profano. As leis de Deus também definem como devemos ser santos, consagrados ao serviço do nosso Criador.

À medida que aplicamos as leis de Deus em nossa vida, estas nos ajudam a adotar uma nova forma de pensar—a pensar mais como Deus. Também mudam nossa percepção. Por exemplo, guardar o Sábado e as demais festas bíblicas, e muda também a forma em que vemos e utilizamos o tempo. O princípio do dízimo muda nosso conceito e uso dos recursos econômicos.

Da mesma forma, as leis de Deus relativas a carnes que são apropriadas ou impróprias para consumo humano—referidas nas Escrituras como “limpas” e “imundas”—mudam nossa perspectiva em relação a muitas coisas que comemos.

Deus espera que os mestres e dirigentes religiosos ensinem às pessoas a distinguir entre o que a Bíblia define como o bom e o mau comportamento. Através do profeta Ezequiel, Ele ordenou: “A meu povo ensinarão a distinguir entre o *santo* e o *profano* e o farão discernir entre o *imundo* e o *limpo*” (Ezequiel 44:23, ARA, grifo nosso).

Algumas das leis de Deus podem parecer estranhas a nosso modo de ver, e não captamos imediatamente seu verdadeiro propósito, a verdade é que nos ajudam a evitar muitos males físicos, morais e espirituais. A Palavra de Deus nos fornece um padrão para uma vida saudável nos aspectos físicos, morais e espirituais. Deus nos deu Seus princípios de saúde, limpeza e santidade para o nosso bem tanto nesta vida como na vindoura (1 Timóteo 4:8).

Um dos propósitos de nossa existência é aprender a basear nossa vida nas palavras de Deus (Mateus 4:4; Lucas 4:4; Deuteronômio 8:3). A Palavra de Deus—a Bíblia—abarca todos os aspectos da vida, inclusive nosso alimento. Muitos não sabem que Deus fez distinções entre o que devemos e o que não devemos comer. Outros pensam que tais diferenças não estão vigentes na atualidade. Porém, convém que deixemos de lado as opiniões humanas e examinemos o que a Bíblia diz sobre o assunto.

Conceitos populares sobre alimentação

Muitas pessoas gostam de comer produtos da carne suína (presunto, torresmo, salsicha, etc.) e não sofrem seus efeitos adversos e imediatos, alguns têm buscado uma explicação científica na razão pela qual Deus proibiu aos israelitas de comer carne de porco (Levítico 11:7; Deuteronômio 14:8). Uma teoria é que Deus proibiu o consumo de carne de porco para que os israelitas não pegassem certas doenças que os porcos são hospedeiros, como a triquinose. Afinal de contas, os israelitas não possuíam geladeiras, e os pesquisadores ainda não haviam alertado as pessoas para cozinhar bem a carne suína para eliminar quaisquer organismos portadores de potenciais doenças.

Uma vez que a pesquisa moderna aparentemente resolveu esses problemas de doenças, e raramente ouvimos falar de parasitas passando para as pessoas através de carne mal cozida, muitas pessoas supõem que comer carne suína é aceitável para Deus (ver “Apenas Uma Questão de Cozimento Adequado?” na página 35). Pelo fato de muitas pessoas comerem carne suína durante toda a vida e viverem até uma idade avançada, as pessoas—se é que ao menos pensam nisso—acham que comer carne de porco tem pouco ou nenhum efeito sobre a saúde ou a longevidade.

No entanto, pesquisa mais recente convenceu alguns médicos e nutricionistas, a recomendar que alguns de seus pacientes evitem carne de porco, crustáceos e moluscos (outra categoria de alimentos bíblicamente impuros) em suas dietas, pois eles entendem que algumas pessoas não conseguem digerir adequadamente essas carnes. Assim, alguns reconhecem que evitar certas carnes faz sentido para as pessoas com determinados problemas de saúde, mas não como uma regra para todos.

A maioria dos religiosos tem uma perspectiva paralela a esse raciocínio científico. Os teólogos acreditam que as leis de carnes limpas e impuras se originaram na Antiga Aliança para a antiga Israel e que terminaram com o estabelecimento da Nova Aliança. Assim, eles acreditam que diversas leis do Antigo Testamento não são mais aplicáveis aos cristãos.

Muitos pensam que o apóstolo Paulo confirmou essa ideia quando afirmou: “Eu sei e estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda” (Romanos 14:14, ver “Entendendo o termo ‘*imundo*’ Romanos 14”, página 12).

Esse raciocínio coloca Deus no papel de supremo médico do Antigo Testamento e Jesus Cristo no papel de libertador da lei de Deus no Novo Testamento. Se acreditarmos que Deus estava simplesmente cuidando da saúde dos antigos israelitas, as listas da Bíblia de animais limpos e imundos se tornam apenas questões primitivas de saúde para as quais a humanidade moderna, iluminada e liberal não precisa mais. A ideia popular é que Cristo entendeu assim e deu a Seus seguidores a liberdade de decidir por si mesmos sobre o assunto. Alguns acreditam que Deus apoiará qualquer decisão que tomarmos por conta própria em relação a essas coisas.

Esse ponto de vista popular é ensinado pela maioria das igrejas. Mas esta é a questão crucial: Essa ideia reflete precisamente o ensinamento bíblico?

O ponto de vista diferente de Deus

Deus nos criou à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26-27) e, ao fazer isso, Ele nos deu a capacidade de raciocinar. Embora seja um presente maravilhoso, nossa capacidade de pensar não é infalível. Quando a racionalidade da antiga Israel deu errado, Deus disse: “Venham, vamos refletir juntos” (Isaías 1:18, NVI).

Mas as Escrituras também registram estas palavras de Deus: “Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os Meus caminhos, diz o SENHOR. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Isaías 55:8-9).

Portanto, Deus é a autoridade sobre nossa conduta e não o homem (Provérbios 14:12), incluindo a decisão de quais alimentos podemos ou não comer.

Além disso, o grande profeta Jeremias admitiu abertamente: “Eu sei, ó SENHOR, que não é do homem o seu caminho, *nem do homem que caminha, o dirigir os seus passos*” (Jeremias 10:23).

À luz dessas passagens bíblicas, precisamos examinar cuidadosamente a questão das carnes limpas e imundas. Precisamos ter certeza de que entendemos o ponto de vista de Deus em vez de confiar exclusivamente em nosso próprio raciocínio.

A origem dessa diferenciação

O primeiro relato bíblico sobre a distinção entre animais limpos e impuros documenta eventos que ocorreram muito antes do Êxodo. Quase mil anos antes de Deus fazer uma aliança com a nação de Israel, na verdade, séculos antes de Israel existir. Ele disse a Noé para levar na arca um casal de animais impuros e sete casais de animais limpos (Gênesis 6:19; 7:2).

Nesse relato, Deus não disse a Noé que, pela primeira vez, estava fazendo uma distinção entre animais limpos e imundos. Ele simplesmente disse: “Leve com você sete casais de cada espécie de animal puro, macho e fêmea, e um casal de cada espécie de animal impuro, macho e fêmea” (Gênesis 7:2, NVI).

Deus não teve que explicar para Noé o significado de *limpo* e *imundo*. Noé entendeu a instrução e exigência de Deus e obedeceu. Para compreender o que Deus quis dizer com esses termos, precisamos ir a outros trechos da Bíblia—Levítico 11 e Deuteronômio 14.

O relato em Gênesis sobre Noé mostra que a distinção entre animais limpos e imundos já existia no primórdio da história, muito antes de Deus ratificar Sua aliança com Israel. Assim, a própria Bíblia mostra claramente que é incorreta a ideia popular de que o conceito de animais limpos e imundos se originou na Antiga Aliança. Como essas distinções existiam muito antes

do sistema sacrificial israelita e do sacerdócio levítico, então não é correto afirmar que isso chegou ao fim com a mudança no sistema sacrificial ou no sacerdócio. Como veremos, a Bíblia ensina que a distinção entre limpo e imundo nunca foi suprimida e que continua vigente por boas razões.

Outra falha no entendimento de algumas pessoas é que a lei de Deus não existia até o tempo específico de sua primeira menção na Bíblia. Esse equívoco leva à crença, igualmente equivocada, de que as únicas leis aplicáveis aos cristãos da Nova Aliança são as que foram reafirmadas no Novo Testamento, após a crucificação de Cristo. O próprio Jesus disse que esse raciocínio é falso (Mateus 5:17-19). Embora essas suposições sobre quando a lei de Deus entrou em vigor careçam de prova bíblica, elas levantam uma questão importante, que deve ser analisada—a continuidade da lei de Deus.

A natureza da lei de Deus

Algumas pessoas argumentam que Deus permitiu que Adão e Eva comessem qualquer animal, mas mudou as regras para Noé. Outros argumentam que Noé poderia comer qualquer tipo de carne animal, porque Deus não havia revelado instruções específicas que o proibia expressamente de fazer isso.

Esse raciocínio é inerentemente imperfeito, pois negligencia a natureza *permanente dos princípios espirituais*, que formam a base da instrução que Deus deu à humanidade.

Deus baseia Suas instruções às pessoas em princípios espirituais que sempre existiram. Assim como Deus é eterno (Deuteronômio 33:27; Salmos 90:2), assim também são perenes os princípios que refletem Seu caráter e natureza (Malaquias 3:6; Hebreus 13:8). A lei de Deus é baseada em Seu caráter imutável, não dependendo de eventos e atitudes predominantes na história humana.

A Bíblia, do começo ao fim, é um livro sobre leis. Entretanto, ela não foi escrita como um livro meramente sobre legalidade. A palavra hebraica para lei (*torá*) abrange *guia e instrução*, conceitos muito mais amplos que um mero código legal. A lei de Deus existia antes que a Bíblia fosse escrita. Como Paulo observou, “a lei é espiritual” (Romanos 7:14).

A Bíblia é um livro sobre *relacionamentos*—especificamente como as pessoas da antiguidade se relacionavam com Deus e, baseado em suas experiências, como devemos nos relacionar com Ele. A lei de Deus—Sua guia e instrução para as pessoas—fornece as diretrizes para o desenvolvimento de uma relação com Ele, o que leva à vida eterna (João 17:2-3).

E, com o tempo, à medida que nosso relacionamento com Deus se desenvolve, aprendemos mais sobre o que Ele espera de nós—os pensamentos e conduta aceitáveis segundo Sua lei—e começamos a pensar e fazer essas coisas (Mateus 7:21; João 14:15; Apocalipse 14:12).

Quando entendemos os princípios espirituais que servem de base à lei de Deus, não procuramos brechas em Sua lei para evitar fazer o que Ele ordena.

Quando desfrutamos de um relacionamento amoroso com Ele, guardamos Seus mandamentos (1 João 5:2). Como nos diz o apóstolo João: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados” (versículo 3, ACF). Todos os mandamentos de Deus existem para nosso benefício.

Houve alguma mudança na lei?

Vamos analisar algo mais em relação à natureza da lei de Deus. Alguns argumentam que toda a lei de Deus é transitória por causa de mudanças óbvias, desde os tempos do Antigo Testamento, em relação às leis do sacrifício e da circuncisão. Esse argumento está radicado na confusão sobre como ocorreram essas mudanças.

A Bíblia ressalta que parte dessa confusão decorre de diferenças de *ministérios* ou *administrações*. Paulo escreveu sobre a lei “espiritual” de Deus (Romanos 7:14) e também sobre “*diversidade de ministérios*, mas o Senhor é o mesmo” (1 Coríntios 12:5). Ademais, Paulo escreveu sobre as diferenças entre o ministério da Antiga Aliança, ou administração, e a Nova Aliança (2 Coríntios 3).

Entretanto, as mudanças administrativas não devem ser confundidas com a própria lei de Deus, pois Jesus disse claramente que ela continua vigente e ainda se aplica hoje (Mateus 5:18). Em alguns casos, Deus permitiu e administrou ajustes nas aplicações administrativas de Sua lei. Em todo caso, as Escrituras esclarecem essas mudanças administrativas. No Novo Testamento, não encontramos nenhuma mudança administrativa em relação a carnes limpas e imundas.

A codificação das leis previamente reveladas

As leis de Deus existiam muito antes de Moisés e de os israelitas entrarem em cena. Por exemplo, Deus disse que Abraão, que viveu muitos séculos antes dos israelitas deixarem o Egito, “obedeceu à Minha voz e guardou o Meu mandado, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis” (Gênesis 26:5).

Quando Deus começou a trabalhar com a antiga Israel, Ele não estava formulando e anunciando Sua lei pela primeira vez, na verdade, Ele estava *reiterando* isso para um grupo de pessoas que havia sido escravizada por várias gerações no Egito (Êxodo 12:41). Sob essas circunstâncias, essas pessoas provavelmente não se lembravam da lei de Deus, muito menos a obedeciam. Assim, Deus passou bastante tempo revelando, sistematicamente, Suas leis para essa nova nação.

Antes que os israelitas deixassem o Egito e chegassem ao monte Sinai, Deus começou a instruí-los sobre Suas festas (Êxodo 5:1; 12:1-51). Enquanto se dirigiam para o Sinai, Deus os instruiu a descansar em Seu Sábado semanal (Êxodo 16:23), reforçando esse mandamento ao enviar, milagrosamente, uma porção maior de maná, um alimento especial recolhido do chão, no sexto dia da semana e nenhuma no sétimo dia (versículos 25-29). Quando alguns

israelitas ignoraram as instruções de Deus e procuraram o maná no Sábado. Ele os repreendeu: “Até quando recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis?” (versículo 28).

Esses eventos ocorreram *antes* que Deus revelasse a observância de Seu sábado, como um dos Dez Mandamentos, quando os israelitas chegaram ao deserto do Sinai (Êxodo 19:1). Ali, no Monte Sinai, Deus proferiu os Dez Mandamentos (Êxodo 20). Então, Deus entregou Seus julgamentos—decisões sobre como os israelitas praticariam Sua lei—e mais instruções sobre o Sábado semanal e Suas festas (Êxodo 21-23). Caso Seu povo obedecesse, Deus prometeu abençoá-los fisicamente, eliminando doenças e garantindo segurança dentro de sua nova terra (Êxodo 23: 25-33).

O objetivo da distinção

Em Levítico 11 e Deuteronômio 14, encontramos listas de animais limpos e imundos. A primeira lista foi apresentada em benefício da geração que havia escapado da escravidão egípcia. Em Deuteronômio, novamente, Deus enfatizou essa instrução para a próxima geração, quando estava prestes a se apossar de seu novo território na Terra Prometida.

Os dois capítulos apresentam a mesma razão para as instruções de Deus sobre carnes limpas e imundas. Em Levítico 11, Deus diz que “para ser santo” deve-se evitar o imundo. Em Deuteronômio 14, foi dito a Israel que não comesse “nenhuma abominação” (versículo 3), “porque és povo santo ao SENHOR, Teu Deus” (versículos 2, 21). Ser santo significa ser separado por Deus.

O propósito específico de Deus para que evitem carnes impuras é a *santidade*. Deus quer que sejamos santos. Porque pertencemos a Deus, que nos comprou com o sangue de Cristo, e Ele não deseja que nos contaminemos com qualquer tipo de contaminação física ou espiritual (1 Coríntios 6:15-20). Aos olhos de Deus, evitar comer animais impuros é um sinal identificador de santidade daqueles que Deus separou por meio de um relacionamento com Ele.

Aqueles que honram a Deus devem refletir santidade em seus pensamentos e ações. Deus exige uma conduta santa, um estilo de vida distintamente diferente do resto do mundo. A santidade no comportamento baseia-se em atitudes em relação a Deus, aos outros e a si mesmo, resultando em ações que evitam causar dor e que edificam relacionamentos benéficos e duradouros. Evidentemente, ser santo significa muito mais do que simplesmente evitar carnes imundas. Cristo falou dos “preceitos mais importantes da Lei”, como justiça, misericórdia e fé—(Mateus 23:23, ARA).

Deus deu Suas leis a pessoas físicas, que sofrem as consequências quando não seguem essas leis. A violação da lei divina contra o adultério, por exemplo, pode destruir um casamento e uma família. Deuteronômio 28 registra inúmeras calamidades que atingiram os israelitas quando fracassaram em obedecer às leis de Deus. Mas, Ele disse que os estabeleceria como povo santo

se eles guardassem os Seus mandamentos (versículo 9).

O desejo de Deus sempre foi que Seu povo continuasse sendo santo. Como Paulo disse: “Como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo, para que fôssemos *santos e irrepreensíveis* diante dEle em amor” (Efésios 1:4, ACF).

O apóstolo Pedro exortou os cristãos a viver “como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é *santo* Aquele que vos chamou, sede vós também *santos em toda a vossa maneira de viver*, porquanto escrito está: Sede santos, porque Eu sou santo” (1 Pedro 1:14-16).

Obviamente, Pedro tinha em mente uma gama muito mais ampla de comportamento divino do que simplesmente abster-se de carnes imundas. O mesmo fez Paulo quando lembrou as instruções de Deus aos coríntios: “Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada *imundo*, e Eu vos receberei; e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso” (2 Coríntios 6:17-18).

Mudança na administração

Quando Jesus veio à Terra para morrer pelos pecados da humanidade e se tornar nosso Sumo Sacerdote, Seu ministério substituiu o sacerdócio levítico, que atuava desde o tempo de Moisés (Hebreus 7:11-14). Jesus é a nossa “garantia de uma aliança melhor” (versículo 22, BLH), chamada de “nova aliança” (Hebreus 8:8, 13, ARA).

O ministério de Cristo não invalida a lei de Deus. Em vez disso, Deus escreve essa lei no coração daqueles que aceitam essa aliança para que ela se torne parte de sua mente e modo de pensar (versículo 10). Lembre-se que Jesus disse que não veio abolir a lei (Mateus 5:17-19). A Nova Aliança, da qual Jesus é nosso Sumo Sacerdote, contém “melhores promessas” (Hebreus 8:6), e não uma lei melhor. As melhores promessas incluem a vida eterna, bem como a promessa do Espírito de Deus, que nos capacita a viver de acordo com as leis de Deus (Romanos 8:4).

Veja o resumo de Paulo sobre esse princípio: “Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para *santificação*, e por fim a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a *vida eterna*, por Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:22-23). Um cristão fará todos os esforços para obedecer todas as instruções de Deus e viver um estilo de vida santo.

Quando Deus fez a mudança administrativa do sacerdócio levítico para o ministério de Jesus Cristo, as leis e os princípios administrativos que pertenciam apenas aos levitas não mais se aplicariam da mesma maneira. Como afirma Hebreus 7:12: “Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei”. A lei—especificamente a lei referente a quem serviu como sacerdócio de Deus (versículos 13-14)—foi alterada, mas não invalidada. A mudança no sacerdócio não denegava as

leis e os princípios que Deus deu para nosso benefício espiritual e físico.

A prática constante dos apóstolos e da Igreja primitiva era a de continuar seguindo as distinções que Deus fazia entre carnes limpas e imundas (Atos 10:14).

Algumas pessoas supõem que isso era apenas uma questão de cultura ou tradição. No entanto, a respeito dos cumprimentos proféticos ainda por ocorrer, a Bíblia fala de animais imundos (Apocalipse 18:2) e punição daqueles que O desobedecem nesse ponto (Isaías 66:15-17). A Bíblia continua mostrando a obediência às leis de alimentos limpos e imundos como uma característica identificadora do povo de Deus.

Ser diferente do resto da sociedade, seguindo a lei de Deus, não é embaraçoso. Pedro escreve sobre o povo chamado de Deus, dizendo: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes Daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9). Deus descreve Seu povo escolhido como aqueles *chamados à santidade*. Isso inclui a questão de carnes limpas e imundas.

Entretanto, os cristãos devem sempre usar sabedoria e discrição na maneira como revelam práticas que envolvem evitar carnes imundas para familiares e amigos. Eles não devem tentar impor as leis de Deus sobre os adultos responsáveis por tomar suas próprias decisões sobre esse assunto. Paulo aconselha: “Sejam sábios no procedimento para com os de fora; aproveitem ao máximo todas as oportunidades. O seu falar seja sempre agradável . . . para que saibam como responder a cada um” (Colossenses 4:5-6, NVI).

Como Podemos Compreender as Escrituras?

O apóstolo Paulo escreveu a outro ministro: “Toda Escritura divinamente *inspirada* é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17). Quando Paulo escreveu essas palavras, a Escritura a que ele se referia eram aquelas que agora chamamos de Antigo Testamento. Os escritos que, eventualmente, seriam conhecidos como Novo Testamento ainda não tinham sido aceitos como Escrituras, e alguns deles ainda nem haviam sido escritos.

A própria Bíblia nos diz que devemos entendê-la como coesa; toda a Escritura é *inspirada* como o guia divino para a conduta humana. Ao reunir todas as escrituras sobre um determinado assunto, permitimos

que a Bíblia se auto-interprete e nos dê uma visão completa e coerente da instrução de Deus sobre áreas específicas da vida.

Ver cada passagem em um contexto diferente torna a Bíblia pouco mais do que uma coleção de escritos humanos conflitantes e contraditórios, em vez de uma revelação divina. As instruções de Paulo em 2 Timóteo 3:16-17 nos indicam o entendimento fundamental por meio do qual podemos começar a interpretar adequadamente a Bíblia: Ela *inteira* é a revelação inspirada de Deus.

A própria Bíblia nos diz que devemos entendê-la como coesa; toda a Escritura é inspirada como o guia divino para a conduta humana. Ao reunir todas as escrituras sobre um determinado assunto, permitimos que a Bíblia se auto-interprete e nos dê uma visão completa e coerente da instrução de Deus sobre áreas específicas da vida.

Uma oportunidade para aplicar uma interpretação bíblica adequada pode ser encontrada em Gênesis 9:3: “Tudo quanto se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado, como a erva verde”. Quando analisarmos essa passagem como parte de um quadro completo, então entendemos que Deus criou tanto animais como plantas para o consumo humano.

As Escrituras subsequentes mostram que a humanidade não deve comer todo tipo de animais, assim como não devemos comer toda espécie de plantas. O texto comparativo “como as ervas verdes” esclarece isso. Pondere que algumas espécies de plantas, como certos animais, são muito venenosos e podem ser fatais se consumidos. Ainda assim, o reino animal é uma fonte de alimento para nós—o ponto essencial de Gênesis 9:3.

Aqueles que adotam um estilo de vida inconsistente e alheio à interpretação bíblica acreditam que essa passagem refuta as distinções entre animais limpos e imundos mencionados em Gênesis 7. Esse método distorcido de interpretação bíblica insere artificialmente pontos de início e de fim às leis de Deus, tornando-as—como também o Criador delas—incoerentes e arbitrárias. Mas, Deus simplesmente não é assim, pois Ele é constante e coerente (Malaquias 3:6; Tiago 1:17).

Deus espera que aprendamos a entender e a aplicar adequadamente Sua Palavra (2 Timóteo 2:15). A Bíblia interpreta a si mesma!

Entendendo o Termo “Imundo” em Romanos 14

A afirmação de Paulo em Romanos 14:14—“Eu sei e estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda”—significa que a Igreja primitiva não fazia distinção entre carnes limpas e imundas?

A compreensão da terminologia grega pode nos ajudar nisso.

É importante entender que os escritores do Novo Testamento se referiam a dois conceitos de impureza usando palavras gregas diferentes para transmitir as duas ideias. O termo *imundo* poderia se referir a animais que Deus proibiu de ser usado como alimento (listado em Levítico 11 e Deuteronômio 14) e também pode se referir à impureza cerimonial.

Em Romanos 14, Paulo usa a palavra *koinos*, que significa “comum” (*Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine*, 1985, “Imundo”, p. 649). Além dos significados “comum” e “ordinário”, conforme usado em Atos 2:44; 4:32; Tito 1:4, e Judas 3, a palavra também se aplicava a coisas consideradas *profanas* (Hebreus 10:29) ou *contaminadas*. Essa palavra, junto com a forma verbal *koinoo*, é usada em Marcos 7:2, 15-23, onde se refere claramente à impureza cerimonial no incidente em que os discípulos comeram sem antes ter lavado as mãos.

Por meio de uma concordância da Bíblia, você pode verificar quando *koinos* e *koinoo* aparecem no Novo Testamento, referindo-se a esse tipo de impureza cerimonial. Algo poderia ser “comum”—cerimonialmente impuro—mesmo sendo considerado um alimento limpo.

Uma palavra completamente diferente, *akathartos*, é usada no Novo Testamento para animais que as Escrituras especificam como imundos. Na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento, amplamente usada nos dias de Paulo), *akathartos* é usado para designar as carnes imundas listadas em Levítico 11 e Deuteronômio 14.

Ambas as palavras, *koinos* e *akathartos*, são usadas em Atos 10 para descrever a visão de Pedro do lençol cheio de “todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu” (versículo 12), ambos limpos e imundos. O próprio Pedro distinguiu os dois conceitos de impureza usando as duas palavras no versículo 14. Depois que uma voz disse a Pedro para “matar e comer”, ele respondeu: “Nunca comi coisa alguma comum [*koinos*] ou imunda [*akathartos*]”. As traduções

da Bíblia distinguem os significados das duas palavras usadas aqui. Pedro usou a mesma terminologia no versículo 28 e Atos 11:8 ao relatar essa visão.

Quando Paulo disse em Romanos 14:14 que “nenhuma coisa é de si mesma imunda [*koinos*, ou ‘comum’]”, ele estava tocando no mesmo ponto que já havia explicado aos coríntios, conforme esclarecido no próximo capítulo deste guia de estudo: Ainda que uma carne limpa tenha sido utilizada na adoração de ídolos, não significa que ela seja intrinsecamente imprópria para consumo humano. Como visto no contexto, Paulo não estava discutindo restrições alimentícias bíblicas.

É importante entender que os escritores do Novo Testamento se referiam a dois conceitos de impureza usando palavras gregas diferentes para transmitir as duas ideias. O termo *imundo* poderia se referir a animais que Deus proibiu de ser usado como alimento (listado em Levítico 11 e Deuteronômio 14) e também pode se referir à impureza cerimonial.

Em Romanos 14:20, Paulo continua afirmando que “todo alimento é puro” (NVI). (A palavra traduzida como “puro” é *katharos*, “livre de mistura impura, sem mancha ou defeito” (“Ímáculo, Pureza, Limpeza, Purificação”, Vine), p. 103). Como o tema sobre carnes limpas não é abordado no Novo Testamento, então não temos um termo específico para descrevê-las. *Katharos* é usado para descrever tudo que se refere à limpeza e pureza, incluindo pratos limpos (Mateus 23:26), pessoas (João 13:10) e roupas (Apocalipse 15:6; 19:8, 14), religião “pura” (Tiago 1:27), ouro e vidro (Apocalipse 21:18).

É importante notar também que, em Romanos 14:14 e 20, a palavra *carne* ou *comida* não está no texto original. Nenhum objeto específico é mencionado em relação à limpeza ou impureza. O sentido desses versículos é somente que “nenhuma coisa é de si mesma imunda [*koinos*: comum ou profanado por cerimônias]” e “tudo é limpo [*katharos*: livre de mistura impura, sem defeito ou manchas]”.

O ponto de vista de Paulo é que se algum alimento tiver sido associado a qualquer atividade idólatra não determinava se ele era adequado ou não para comer.

O Novo Testamento Acaba Com as Distinções de Carnes?

Algumas pessoas acreditam que determinadas escrituras do Novo Testamento acaba com todas as distinções entre carnes limpas e imundas. Mas, o que realmente dizem essas passagens?

Muitos teólogos afirmam que as leis de Deus sobre carnes limpas e imundas findaram na crucificação de Cristo. Eles supõem que a Nova Aliança elimina a necessidade de os cristãos observarem essas leis. Mas, a Bíblia diz isso mesmo?

A mudança administrativa do sacerdócio levítico para o ministério de Jesus Cristo não anulou a ordem de Deus para que Seu povo obedecesse à Sua lei de carnes limpas e imundas (ou qualquer outra lei) como parte de sua santificação ou separação, como povo de Deus (ver Levítico 11:44-47; 19:2; 20:7, 22-26; 21:8). Pedro e Paulo falam da contínua necessidade de o povo de Deus ser santo (Efésios 1:4; 1 Pedro 1:14-16).

Alguns estudiosos da Bíblia reconhecem que os membros da Igreja primitiva continuaram observando as distinções entre carnes limpas e imundas. No entanto, devido ao equívoco comum de que a Nova Aliança abolira grande parte da lei de Deus, muitos creem que esses requisitos alimentares eram simplesmente práticas culturais judaicas que continuaram até a Igreja tornar-se mais gentia em composição e perspectiva. Essas ideias preconcebidas influenciaram as interpretações de muitas passagens do Novo Testamento. Nos círculos teológicos, isso é conhecido como *eisegesis*, ou seja, *injetar as suas ideias* nas Escrituras, e assim *manipulando o texto para dizer o que não diz*.

Vamos examinar as passagens do Novo Testamento que tratam de alimento. Ao fazermos isso, vamos praticar *exegesis*—que é a regra correta de interpretação das escrituras (hermenêutica), *extraíndo o verdadeiro significado* das Escrituras, buscando um entendimento e clareza das passagens, para podermos aplicá-las corretamente.

A visão de Pedro: Deus purificou todas as carnes?

Uma seção da Bíblia geralmente incompreendida é a visão de Pedro, na qual ele “viu o céu aberto e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra”. Neste lençol, “havia de todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro! Mata e come” (Atos 10:11-13).

Presumindo que a visão significava que ele deveria comer animais imundos, espontaneamente, Pedro respondeu: “De modo nenhum, Senhor, porque *nunca* comi coisa alguma comum e imunda” (versículo 14).

A mesma visão surgiu três vezes para Pedro (versículo 16).

Nesse ponto, muitos leitores, sem concluir o relato, creem que sabem o significado da visão—que Deus disse a Pedro que agora estamos livres para comer qualquer tipo de carne de animal que desejarmos. Entretanto, o contexto dessas escrituras mostra que não foi esse o entendimento de Pedro. Pelo contrário, mesmo depois de ver a visão por três vezes, ele ainda se perguntava “qual seria o significado da visão” (versículo 17, ARA).

Mais tarde, Pedro entendeu o significado da revelação. Ele disse: “Deus mostrou-me que a *nenhum homem* chame comum ou imundo” (versículo 28). Então, reconhecendo o verdadeiro intuito da visão, Pedro batizou os primeiros gentios (não israelitas) que Deus chamou para a Igreja e que não eram prosélitos judeus (versículos 45-48).

Como vemos mais adiante no relato, essa revelação divina não tinha nada a ver com *alimento*. Pelo contrário, tinha a ver com *pessoas*. Como os líderes religiosos judeus da época de Cristo, erroneamente, consideravam os gentios como impuros, essa dramática visão corrigiu um equívoco comum que havia afetado a Pedro e a outros membros da Igreja. E demonstrou que Deus estava começando a oferecer salvação a pessoas de qualquer raça. Agora, os gentios chamados por Deus eram bem-vindos à Igreja.

Longe de abolir as instruções de Deus contra o consumo de carnes imundas, esses versículos mostram que, cerca de uma década após a morte de Cristo, Pedro “*nunca havia comido coisa alguma comum e imunda*”.

Obviamente, Pedro não estava admitindo que Deus houvesse anulado Suas próprias leis alimentícias ou que a morte e ressurreição de Cristo as tornaram obsoletas. Através das próprias palavras de Pedro, vemos que ele continuou seguindo fielmente essas leis.

Também não encontramos evidências de que ele tenha comido carne imunda após essa experiência. Sem dúvida, ele continuou obedecendo às leis de Deus, diferenciando as carnes que podia ou não comer, e não vendo assim razão para mudar sua prática. Ele entendeu que aquela intrigante visão não poderia anular as instruções de Deus, e é por isso que ele “refletiu na visão” até entender o seu significado (versículos 17-19, 28)—que os gentios também poderiam se tornar membros da Igreja mediante arrependimento e fé (versículos 34-35, 45-48).

A controvérsia na Igreja sobre os alimentos

Ao ler o Novo Testamento, encontramos referências a uma controvérsia na Igreja primitiva envolvendo comida. No entanto, um exame das Escrituras revela que o assunto é diferente do que muitos entendem.

Em 1 Coríntios 8, o apóstolo Paulo discutiu sobre “comer das coisas sacrificadas aos ídolos” (versículo 4). Por que isso era um problema?

“Na época de Paulo, frequentemente, a carne era sacrificada e oferecida nos altares pagãos como oferenda aos deuses. Mais tarde, essa mesma carne era colocada à venda nos açougues públicos. Alguns cristãos se perguntavam

se era correto comerem dessa carne, que havia sido sacrificada aos deuses pagãos” (*Novo Dicionário Bíblico Ilustrado de Nelson*, 1995, “Carne”).

Embora inconclusivo, é interessante notar que Atos 14:13 é a única passagem em que se menciona o tipo de animal sacrificado aos ídolos, touros —animais limpos—que estavam prestes a ser oferecidos naquela ocasião.

Essa controvérsia não era sobre os tipos de carne que deveriam ser consumidos. Os obedientes judeus da época, seguindo as instruções de Deus, não consideravam a carne imunda como uma possível fonte de alimento. Em vez disso, a controvérsia se tratava da consciência de cada crente sobre comer carne—carne *limpa*—que poderia ter sido sacrificada aos ídolos.

Paulo explicou que “o ídolo nada é” (1 Coríntios 8:4), esclarecendo que não era intrinsecamente prejudicial comer carne que havia sido sacrificada a ídolos. O fato de um animal ter sido sacrificado a um deus pagão não tinha influência sobre se a carne era adequada para consumo.

Paulo continuou: “Mas nem em todos há conhecimento; porque alguns até agora comem, no seu costume para com o ídolo, coisas sacrificadas ao ídolo; e a sua consciência, sendo fraca, fica contaminada. Ora, o manjar não nos faz agradáveis a Deus, porque, se comemos, nada temos de mais, e, se não comemos, nada nos falta” (versículos 7-8).

Quando um crente comprava carne no açougue ou era convidado para uma refeição em que se servia carne, não era necessário determinar se alguém a havia oferecido a algum ídolo, disse Paulo (1 Coríntios 10:25-27). Sua preocupação era que os irmãos fossem atenciosos com aqueles que pensavam de outro modo. Ele ensinou que, nesses casos, era melhor que eles não comessem carne do que correr o risco de causar ofensa (1 Coríntios 8:13; 10:28).

A questão da carne sacrificada aos ídolos era uma controvérsia considerável nos tempos do Novo Testamento. E foi base de muitas das discussões de Paulo sobre a liberdade e a consciência cristã. Diferentemente da lei de Deus sobre animais limpos e imundos, registrada diretamente no Antigo Testamento, as Escrituras Hebraicas não são claras sobre a questão da comida oferecida aos ídolos. Porém, no mundo do primeiro século do Novo Testamento, essa questão variava em significado e importância para os membros de acordo com sua consciência e entendimento.

A cronologia das cartas de Paulo

O relacionamento cronológico entre as cartas de Paulo aos membros de Corinto e sua correspondência com os membros de Roma é outra importante informação que as pessoas geralmente ignoram.

Muitos acreditam que Romanos 14 respalda a ideia de que os cristãos estão livres de todas as restrições anteriores em relação às carnes que podem consumir. O versículo 14, onde Paulo escreveu: “Eu sei e estou certo, no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda”, é frequentemente citado como prova desse ponto de vista (consultar “Compreendendo o Termo

‘Imundo’ em Romanos 14 “, página 12).

Contudo, esse enfoque não considera a perspectiva de Paulo e o contexto de sua carta à igreja romana. Muitos estudiosos da Bíblia concordam que Paulo escreveu o livro de 1 Coríntios por volta de 55 d.C. e que ele escreveu sua epístola de Romanos em Corinto em 56 ou 57 d.C. Como demonstrado acima, a controvérsia alimentar em Corinto era sobre a carne sacrificada aos ídolos. Como Paulo estava escrevendo para os romanos a partir de Corinto, onde esse era um problema significativo, o assunto ainda estava fresco na mente dele e é a base lógica e bíblicamente fundamentada de seus comentários em Romanos 14.

Entendendo o propósito de Paulo

Aqueles que afirmam que o tema de Romanos 14 é uma retratação da lei de Deus quanto a animais limpos e imundos precisam forçar essa interpretação no texto, pois não tem fundamento bíblico. A base histórica para aquele debate indica, segundo evidências no próprio capítulo, ser a carne sacrificada aos ídolos.

O versículo 2 contrasta quem “come legumes” com quem acredita que “de tudo se pode comer”—tanto carne como verduras. O versículo 6 discute sobre comer ou não comer, e, de várias maneiras, isso é interpretado como uma referência ao jejum (não comer ou beber), vegetarianismo (consumir apenas vegetais) ou comer ou não comer carne sacrificada aos ídolos.

O versículo 21 mostra que a carne oferecida aos ídolos era a questão predominante desse capítulo: “É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer nada pelo qual seu irmão tropeça ou se ofende ou se enfraquece”. Os romanos geralmente ofereciam carne e vinho para ídolos, mas partes dessas oferendas eram vendidas posteriormente no mercado.

A *Life Application Bible* (Bíblia de Aplicação na Vida) comenta sobre o versículo 2: “O antigo sistema de sacrifício estava no centro da vida religiosa, social e doméstica do mundo romano. Depois que um sacrifício era apresentado a um deus num templo pagão, apenas parte dele era queimado. Frequentemente, o restante era enviado ao mercado para ser vendido. Assim, um cristão poderia facilmente—mesmo sem saber—comprar essa carne no mercado ou comê-la na casa de um amigo.

“Um cristão deveria questionar a origem da carne que comprava? Alguns achavam que não havia nada de errado em comer carne que havia sido oferecida aos ídolos porque os ídolos eram inúteis e falsos. Outros verificaram cuidadosamente a origem das carnes ou desistiam da compra, a fim de evitar uma consciência culpada. Esse problema era notadamente grave para os cristãos que outrora foram adoradores de ídolos. Para eles, um lembrete tão forte de seus dias pagãos poderia enfraquecer sua nova fé. Paulo também lida com esse problema em 1 Coríntios 8”.

Qual é o ponto de vista de Paulo na instrução de Romanos 14? Dependendo da própria consciência, os primeiros crentes tinham várias opções a escolher

enquanto viajavam ou residiam em suas comunidades. Se não quisessem comer carne que talvez tivesse sido sacrificada a ídolos, eles poderiam optar por jejuar ou comer apenas vegetais para garantir que não consumiriam nenhuma carne de origem suspeita que pudesse ofender sua consciência. Mas se não tivessem esse problema de consciência ao comer carne que poderia ter sido sacrificada aos ídolos, então poderiam consumir sem se incomodar com isso. Dentro deste contexto, Paulo disse que “cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo” (versículo 5), porque “tudo o que não é de fé é pecado” (versículo 23).

Em parte, Romanos 14 é um capítulo sobre a liberdade cristã—alguém agir de acordo com a consciência, no âmbito das leis de Deus, quanto à carne sacrificada aos ídolos. Quando seu contexto é entendido, vê-se que Romanos 14 *não dá permissão* para se comer carne de porco ou qualquer outra carne imunda. Outras escrituras ficam claras quando se compreende que a controvérsia alimentícia da era do Novo Testamento se tratava da carne sacrificada aos ídolos e não das carnes limpas.

O debate sobre a purificação cerimonial

Outra passagem frequentemente incompreendida é Marcos 7:18-19. Aqui Jesus disse: “Assim também vós estais sem entendimento? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não entra no seu coração, mas no ventre e é lançado fora, ficando puras todas as comidas?” O assunto aqui—mostrado claramente nos versículos 2-5—era as *mãos impuras* e não quais carnes poderiam ser consumidas. A purificação dos alimentos se refere à maneira como o processo digestivo do corpo elimina pequenas impurezas, como aquelas que podem estar presentes quando se come sem lavar as mãos.

Os fariseus, como Jesus e Seus discípulos, comiam apenas carne que as Escrituras especificavam como limpa. Entretanto, eles contestaram quando Jesus e Seus discípulos não passaram pelo ritual costumeiro dos fariseus de lavar meticulosamente as mãos antes de comer.

Jesus, cujas mãos estavam suficientemente limpas para comer, mas não o bastante para atender aos padrões inventados pelos fariseus—explicou que o corpo humano foi projetado para lidar com pequenas partículas de poeira ou sujeira que possam ser ingeridas devido ao manuseio de alimentos com as mãos que não foram lavadas ritualmente. Ele sugeriu ainda que, se os fariseus queriam obedecer seriamente a Deus, precisavam revisar suas prioridades. Ele disse que limpar os pensamentos tem muito mais importância espiritual do que lavar as mãos (versículos 20-23).

Interpretações duvidosas

A Nova Versão Internacional (NVI) da Bíblia reproduz a última parte do versículo 19 desta maneira: “Ao dizer isto, Jesus declarou ‘puros’ todos os alimentos”. A *Bíblia Almeida Revista e Atualizada* (ARA) apresenta algo

similar: “E, assim, considerou Ele puros todos os alimentos”. Essas traduções contrastam fortemente com as versões da *Bíblia Almeida Corrigida e Fiel* (ACF) e com a *Almeida Revista e Corrigida* (ARC), que indicam que o processo digestivo do corpo purifica os alimentos em contraposição a uma declaração de Jesus revertendo às leis de Deus sobre que carne se deve comer. Qual é a interpretação correta?

As interpretações das versões *Almeida Corrigida e Fiel* (ACF) e da *Almeida Revista e Corrigida* (ARC) se encaixam melhor no contexto, que diz respeito a comer sem realizar o ritual de lavar as mãos e não sobre decidir que tipo de carne é adequado para ser consumida. Elas também se encaixam melhor na cultura do Novo Testamento em que judeus e cristãos comiam apenas carnes limpas.

Observe que em ambos na NVI e na ARA parece que Marcos está explicando as palavras de Cristo. Obviamente, essa é uma *interpretação* da redação original do Evangelho de Marcos. Os termos “Ao dizer isto, Jesus declarou” (NVI) e “Assim, considerou Ele” (ARA) não existem no grego original. Os tradutores os adicionaram para explicar o que achavam que Marcos pretendia dizer, colocando assim suas próprias interpretações preconcebidas e equivocadas nas palavras de Jesus (*eisegesis*).

Reunindo todas as escrituras sobre o assunto nos ajuda a entender corretamente a perspectiva bíblica (ver “Como Podemos Compreender as Escrituras”, página 10). Quando lemos as passagens de Atos 10, discutidas anteriormente, onde Pedro afirma que nunca havia comido carne imunda cerca de uma década após a morte de Cristo, deixa óbvio que os apóstolos não acreditavam que Ele abolira os mandamentos contra o consumo de carnes imundas. Simplesmente, essa ideia não se sustenta à luz de escrituras claras, que dizem ao contrário.

Nenhuma passagem do Novo Testamento descreve os cristãos comendo carnes consideradas impuras. Tal ideia está evidentemente ausente na Bíblia. Pelo contrário, encontramos muitas escrituras em que o apóstolo Paulo defende enérgica e repetidamente a obediência às leis de Deus (Atos 24:14; 25:8; Romanos 3:31; 7:12, 22), assim como Tiago, o meio-irmão de Cristo (Tiago 2:8-12; 4:11) e João (1 João 3:4). Violar as leis de Deus sobre carnes limpas e imundas seria impensável para eles.

A controvérsia de Colossenses esclarecida

Quando Paulo escreveu aos cristãos “ninguém, pois, vos julgue por causa de *comida* e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados” (Colossenses 2:16, ARA), alguns creem que esses crentes, a quem ele se dirigia, estavam comendo carne de porco e outras carnes antes consideradas imundas. Novamente, em nenhum lugar a Bíblia apoia essa hipótese.

Na realidade, a questão das carnes limpas e imundas não é abordada em nenhum lugar nesta passagem. Paulo não discute quais alimentos os colossenses estavam consumindo. A palavra grega *brosis*, traduzida como

“comida”, refere-se não ao alimento em si, mas ao “ato de comer” (*Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine*, 1985, p. 245, grifo nosso).

Algumas outras traduções deixam isso claro. Por exemplo, as versões *Almeida Corrigida e Fiel* (ACF) e a *Almeida Revista e Corrigida* (ARC) traduzem esse trecho assim: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber...”

Embora muitos creiam que as críticas de Paulo são dirigidas aos mestres que defendiam as práticas do Antigo Testamento (como seguir a lei e praticar a circuncisão), não há nenhuma evidência bíblica que apoie essa ideia. No entanto, devemos reconhecer que as corrupções da prática bíblica correta abundavam naquela época, tanto no judaísmo quanto na emergente Igreja primitiva. Como explica *A Enciclopédia Bíblica Internacional Padrão*: “Esse falso ensinamento ia muito além do judaísmo. Seus mestres criam em espíritos intermediários, anjos que eles adoravam, e insistiam num ascetismo muito rígido” (“Epístola aos Colossenses”, edição de 1939).

O falso ensinamento condenado por Paulo continha muitos elementos de ascetismo—evitar qualquer coisa desse prazer—que pretendia tornar seus seguidores mais espirituais. Observe as instruções aos colossenses: “Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivésseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade” (Colossenses 2:20-23, ARA).

A partir disso, vemos a natureza ascética do erro que Paulo estava combatendo. A tentativa ilusória dos falsos mestres de alcançar maior espiritualidade incluía a “rigor astético” [disciplina do corpo] (versículo 23). Paulo caracterizou suas regras equivocadas como “não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo” (versículo 21). Seus esforços criaram apenas uma “falsa humildade” (versículo 23) e estavam destinados ao fracasso porque se baseavam em “preceitos e doutrinas dos homens” (versículo 22), e não na instrução de Deus.

Paulo admoestou a igreja de Colossos a não ouvir os ascetas. Em vez de revogar as leis de Deus sobre carnes imundas—que algumas pessoas entendem incorretamente nesta passagem—Paulo está instruindo aos membros de Colosso a não se preocuparem com esses mestres ascéticos, que criticavam a maneira como os colossenses desfrutavam das festas e dos *Sábados de Deus*, comendo e bebendo com um espírito de alegria e comunhão. E essa alegria, embora condenado por esses falsos mestres, é perfeitamente aceitável a Deus. (Para um entendimento mais aprofundado, solicite os dois guias de estudo bíblicos gratuitos: *As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade* e *Sábado: O Dia de Descanso de Deus*).

Nesta seção de Colossenses, Paulo incentiva a Igreja a se apegar aos ensinamentos e entendimentos corretos. Esta seção não é um tratado sobre quais alimentos comer ou em que dias devem adorar a Deus. Devemos tomar cuidado para não ler ou injetar ideias preconcebidas nessas ou em outras escrituras.

A incompreensão das instruções de Timóteo

Ademais, 1 Timóteo 4:3-5 é outra parte dos escritos de Paulo que geralmente é mal compreendida, onde ele fala de falsos mestres que estavam “proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças; porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificada”.

Qual era a motivação desses falsos mestres? Por acaso Paulo estava advertindo a Timóteo acerca de mestres *judaizantes* que exigiam a obediência às leis alimentícias de Deus? Ou se tratava de algo muito diferente?

Sabemos que Paulo disse a Timóteo que as Escrituras do Antigo Testamento inspiradas por Deus eram “proveitosas para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Timóteo 3:16), então não há como acreditar que Paulo advertiria a Timóteo contra a observância dessas instruções encontradas nessas Escrituras.

Por outro lado, as palavras de Paulo nos mostram o verdadeiro problema: Esses mestres estavam exigindo que as pessoas seguissem regras não encontradas na Bíblia. Eles estavam “proibindo o casamento”, sendo que, na verdade, as Escrituras incentivam o casamento e nunca o desestimula. Eles também estavam “ordenando a abstinência dos alimentos que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças” (ACF).

A *Bíblia de Aplicação na Vida* nos ajuda a entender a essência do problema que Paulo abordou aqui: “O perigo que Timóteo enfrentou em Éfeso parece ter vindo de certas pessoas da igreja que estavam seguindo alguns filósofos gregos que ensinavam que o corpo era mau e que somente a alma importava. Os falsos mestres se recusavam a acreditar que o Deus da criação era bom, porque o simples contato com o mundo físico o teria maculado . . . [Eles] estabeleceram regras rigorosas (como proibir as pessoas de se casarem ou comerem certos alimentos). Isso os fazia parecer autodisciplinados e justos”.

Paulo discutia a verdadeira fonte desses ensinamentos heréticos de 1 Timóteo 4:1 que, em vez de serem bíblicos, vinham de “espíritos enganadores e [de] doutrinas de demônios”. Assim, vemos que o problema em 1 Timóteo 4 era o ascetismo mundano e pervertido, e não a obediência às leis de Deus que definem as carnes limpas e imundas.

A premissa de Paulo era que “os fiéis e os que conhecem a verdade” (versículo 3) estavam familiarizados com as escrituras que identificam

especificamente que tipo de carne, “pela palavra de Deus e pela oração, é santificada” (versículo 5) para nosso deleite. Ele encorajou Timóteo a lembrá-los de que deviam deixar as Escrituras serem o guia deles em vez desses mestres ascéticos.

Assim como na situação discutida por Paulo na carta aos colossenses, o problema discutido com Timóteo era o ascetismo e não as leis alimentícias de Deus.

Uma visão mais abrangente da história

Como vimos, não existe evidência nas Escrituras que indique que os membros da Igreja primitiva alguma vez mudaram a prática de seguir as instruções de Deus sobre carnes limpas e imundas. Em vez disso, vemos as palavras inequívocas de um dos apóstolos mostrando que, cerca de uma década após a morte e ressurreição de Cristo, ele “*nunca* comeu nada comum ou imundo”.

Podemos encontrar na Bíblia alguma referência sobre a vigência e a aplicação dessas leis? Vamos deixar o presente de lado e avançar na história da humanidade até o tempo do retorno de Cristo à Terra para estabelecer o Reino de Deus. Quando entendemos a vontade de Deus para o futuro podemos ter mais certeza sobre o que devemos fazer no presente.

Ao descrever os eventos do tempo do fim que antecede o retorno de Cristo, o livro de Apocalipse usa a expressão “refúgio de toda ave *imunda* e aborrecível!” (Apocalipse 18:2). Se não existe mais diferenciação entre o limpo e o imundo, por que Jesus inspirou essa expressão a João? Deus é coerente e imutável (Tiago 1:17; Malaquias 3:6; 4:4; Hebreus 13:8; Mateus 5:17-19). Os animais que Deus classificou como imundos há milhares de anos continuarão sendo imundos no futuro.

A passagem de Apocalipse 18:2 pode se referir figurativamente a demônios—chamados “espíritos imundos” no Novo Testamento. Além disso, essa metáfora não faria sentido se não houvesse mais uma distinção entre pássaros limpos e imundos. Observe também que esses espíritos imundos são comparados a rãs em Apocalipse 16:13. Outra vez, somente quando entendemos que as rãs ainda serão consideradas imundas é que essa comparação passa a ter sentido.

Outra passagem que se refere à época do retorno de Jesus à Terra apresenta esta descrição: “Porque eis que o SENHOR virá em fogo; e os Seus carros... entrará o SENHOR em juízo com toda a carne; e os mortos do SENHOR serão multiplicados. Os que se santificam e se purificam nos jardins uns após outros, os que comem *carne de porco*, e a *abominação*, e o *rato* juntamente serão consumidos, diz o SENHOR” (Isaías 66:15-17). Aqui vemos que, no regresso de Cristo, será proibido o consumo de coisas imundas, e aquele que desobedecer será castigado.

A posição da Bíblia é muito clara. As distinções entre carnes limpas e imundas existiam muito antes de o Novo Testamento ser escrito; elas foram seguidas pelos líderes e outros membros da Igreja primitiva e ainda serão

aplicadas no momento do retorno de Cristo, pois Ele mesmo exigirá isso. Portanto, está claro que essa lei também deve ser observada hoje pelos membros da Igreja moderna, que “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Apocalipse 12:17).

Embora os cristãos do primeiro século tenham lutado com a consciência por causa da carne sacrificada aos ídolos, a Bíblia indica que eles viviam em harmonia com as instruções de Deus sobre carnes limpas e imundas. E nós também não devemos viver em harmonia com essas leis?

Deus elaborou e entregou Suas leis para nosso benefício. Por isso, o apóstolo Paulo escreveu que “a devoção a Deus tem valor para tudo, porque promete bênçãos para a vida presente e para a vida futura” (1 Timóteo 4:8, Bíblia Versão Fácil de Ler).

Não é Apenas Uma Questão de Dieta

De capa a capa, de Gênesis a Apocalipse, em nenhum lugar da Bíblia encontramos um exemplo de um servo de Deus ou seguidor de Jesus Cristo comendo a carne de um animal imundo. Se a qualquer momento as distinções entre carnes limpas e imundas deixaram de existir, isso não deveria ter sido esclarecido na Bíblia através do exemplo dos servos de Deus?

Pelo contrário, ainda no tempo da Igreja primitiva, encontramos os seguidores de Cristo evitando escrupulosamente comer carne de animais que Deus havia revelado como imunda (Atos 10:14; 11:8). As profecias do fim dos tempos fazem as mesmas distinções (Apocalipse 18:2; Isaías 66:15-17).

Mas não é somente uma questão de dieta. Um estudo minucioso da Bíblia nos ajuda a entender outras dimensões do significado da separação entre carnes limpas e imundas.

A Palavra de Deus descreve a carne de animais imundos como uma “abominação” (Levítico 11:10-13, 20, 23, 41-42) e “abominável” (Deuteronômio 14:3, ARA)—e à luz disso, somos advertidos a não consumir tais carnes (Levítico 11:43). Estas são palavras fortes, mas a lição é que precisamos aceitar todos os aspectos da Bíblia, inclusive as leis alimentícias básicas de Levítico 11 e Deuteronômio 14.

Ao instituir o sistema de sacrifício para a antiga Israel, Deus ordenou muitos sacrifícios específicos que envolviam animais. Contudo, em nenhum lugar Ele ordena ou permite o sacrifício de um animal imundo, nem há registros de que algum dos servos de Deus tenha sacrificado esse tipo de animal para Ele. Pois, esse tipo de sacrifício misturaria o sagrado com aquilo que Deus designara como impuro e contaminado. E isso simplesmente seria impensável para um verdadeiro servo de Deus porque seria uma afronta ao próprio Criador.

Quais animais a Bíblia designa como “limpos” e “imundos”?

Deus revela quais animais—including peixes e aves—são adequados e inadequados para o consumo humano em Levítico 11 e Deuteronômio 14. Embora as listas não sejam exaustivas, Ele revela diretrizes para se reconhecer os animais apropriados para alimentação.

Deus declara que os animais que ruminam e têm casco fendido servem de alimento (Levítico 11:3; Deuteronômio 14:6). Isso inclui especificamente espécies como o gado, a ovelha, a cabra, o veado e a gazela (Deuteronômio 14:4-5). Ele também lista animais como camelos, coelhos e porcos como imundos ou impróprios para comer (Levítico 11:4-8). Mais adiante, ele lista “os répteis que se arrastam” como toupeiras, ratos e lagartos como impróprios para comer (versículos 29-31), e também animais de quatro patas (gatos, cães, ursos, leões, tigres etc.) como imundos (versículo 27).

Ele nos diz que peixes de água doce e salgada com barbatanas e escamas servem de alimento (versículos 9 a 12), mas criaturas aquáticas sem essas características (bagre, lagosta, caranguejo, camarão, mexilhão, sapo, ostra, lula, polvo etc.) não devem ser comidos.

Deus também lista pássaros e outras criaturas voadoras que não são apropriadas para consumo humano (versículos 13-19). Ele identifica os necrófagos e aves de rapina como imundos, além de avestruzes, cegonhas, garças e morcegos.

Aves como galinhas, perus e faisões não estão na lista dos imundos e, portanto, podem ser consumi-

dos. Os insetos são listados como imundos, exceto o gafanhoto, o grilo e o gafanhoto devorador, (versículos 20-23).

Por que Deus identifica alguns animais como apropriados ao consumo humano e outros como impróprios? Deus não deu leis para impor, arbitrariamente, o controle sobre as pessoas. Ele deu Suas leis (incluindo as que definem as carnes limpas ou imundas) para o bem daqueles que querem obedecê-Lo (Deuteronômio 5:29).

Embora Deus não tenha revelado especificamente os motivos pelos quais alguns animais podem ser consumidos e outros devem ser evitados, podemos tirar certas conclusões com base nos animais incluídos de ambas as classes.

Ao listar os animais que não servem como alimento, Deus proíbe o consumo de necrófagos e comedores de carniça, que devoram outros animais como alimento.

Animais como porcos, ursos, abutres e aves de rapina podem comer (e proliferar) carne em decomposição. Animais predadores, como lobos, leões, leopardos e chitas, costumam atacar os mais fracos (e, às vezes, os doentes) nos rebanhos de animais.

E também criaturas marinhas, que vivem nas profundezas, como lagostas e caranguejos, que buscam animais mortos no fundo do mar. E, igualmente, os mariscos como ostras, moluscos e mexilhões consomem matéria orgânica em decomposição que chegam ao fundo do mar, inclusive resíduos de esgoto.

Um denominador comum de muitos desses animais que Deus designou como imundos é que eles costumam comer carne que adoeceria ou mataria seres humanos. Quando comemos esses animais, participamos de uma cadeia alimentar que inclui coisas prejudiciais à saúde das pessoas.

Como observa o nutricionista David Meinz: “Será que, em Sua sabedoria, Deus não teria criado certas criaturas cujo único objetivo é limpar as carcaças de outras?

Tudo o propósito delas pode ser o de atuar exclusivamente como saneadores de nossa ecologia. Deus pode estar nos dizendo simplesmente que é melhor para nós, crentes, não consumir a carne desses coletores de lixo” (*Eating by the Book [Dieta Bíblica]*, em tradução livre], 1999, p. 225).

Baseada em Levítico 11 e Deuteronômio 14, a lista a seguir identifica muitos dos animais que Deus determina como limpos e imundos. Esta lista usa seus nomes comuns.

Animais Que a Bíblia Reconhece Como “Limpos”

Animais ruminantes e com casco fendido:

Alce	Carneiro (<i>Ovelha, cordeiro</i>)	Impala (<i>Vive nas savanas africanas</i>)
Antílope	Gado (<i>Novilho, vitelo</i>)	Rena
Bisonte (<i>Búfalo</i>)	Gazela (<i>África e Ásia</i>)	Touro
Bode	Girafa	Veado (<i>Carne de caça</i>)
Cabra montesa	Hart	

Peixe com barbatanas e escamas:

Abrótea (<i>Abrota, brota</i>)	Curimatá (<i>Curimbatá</i>)	Pregado
Alabote (<i>Halibut</i>)	Garoupa (<i>Mero</i>)	Robalo (<i>Robalinho</i>)
Arenque	Goraz (<i>Massacato, parracho, pexão</i>)	Rodovalho
Arinca (<i>espécie de bacalhau</i>)	Hipoglosso	Roncador
Atum	Limanda	Salmão
Bacalhau	Linguado	Sarda
Barbo	Lúcio	Sardinha
Barracuda	Merlúcio (<i>Merluza</i>)	Sargo
Biqueirão (<i>Biqueira, chacaréu, mancatarina</i>)	Miragaia (<i>Piraúna</i>)	Sável (<i>Savelha, saboga</i>)
Brema	Muge (<i>Mugem, curimã</i>)	Solha
Caboz	Palma (<i>Solho</i>)	Tainha
Camarupim	Papa-Terra (<i>Curumbatá</i>)	Tarpão
Canhanha	Pargo	Tilápia
Carapau (<i>Cavalinha</i>)	Perca	Truta
Carpa	Pescada (<i>Pescadinha</i>)	Vairão
Cherne	Piraúna	
Corvina	Pomátomo	

Aves com características limpas:

Cisne*	Ganso	Perdiz
Codorniz (Codorna)	Marreco	Peru
Faisão	Pardal (e outros pássaros canoros)	Pombo
Galinha (Frango)	Pato	Ptármiga
Galinha-de-angola	Pavão	
Galinha silvestre		

Insetos

Tipos de gafanhotos devoradores que pode incluir grilos e gafanhotos.

* Em Levítico 11:18 e Deuteronômio 14:16-17, a tradução Almeida Revista e Corrigida (ARC) e a Almeida Corrigida e Fiel (ACF) posicionam o “cisne” entre os animais imundos. Entretanto, essa tradução parece estar incorreta. Mas, provavelmente, a palavra hebraica original refere-se a um tipo de gralha (ou corvo) como é traduzida na Almeida Revista e Atualizada (ARA) e na Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH).

Animais Que a Bíblia Considera “Imundos”

Suínos

Caititu
Javalis
Leitão
Porco (bacon, presunto, toucinho, banha de porco e a maioria de língua e calabresa)

Caninos

Cão
Chacal
Coiot
Hiena
Lobo
Raposa

Felinos

Guepardo
Gato
Leão
Leopardo
Onça
Pantera
Tigre

Equinos

Asno
Jumento (jegue e asno)
Mula (burro)
Cavalo
Mulo
Onagro (Burro selvagem)
Quagga (Híbrido da zebra com o jumento)
Zebra

Outros

Camelo
Dromedário
Canguru
Caracol
Carcaju
Castor
Coelho
Doninha
Elefante
Esquilo
Gorila
Guaxinim

Hipopótamo

Jaritataca
Lhama (alpaca, vicunha, guanaco)
Lebre
Lesma
Macaco
Marmota
Porco-espinho
Rato (Ratazana, rato almiscarado)
Rinoceronte
Tatu
Texugo
Toupeira
Urso

Insetos

Todos os insetos, exceto aqueles da família dos gafanhotos.
Verme, minhoca, lagarta.

Répteis

Caimão (Jacaré-de-papo-amarelo)
Cobra
Crocodilo
Jacaré
Lagarto, lagartixa, camaleão
Tartaruga

Anfíbios

Cobra
Rã
Salamandra
Sapo

Animais marinhos sem escamas e barbatanas

Peixe

Andorinha-do-Mar (Ratão, água de mar, peixe-bispo, arrião, raia-ratão)
Arraia
Caçã (Caçã-pique, morraceira, caneja)
Caviar (Esturjão)
Dourado (da espécie de Siluiformes), prevalente no Brasil, é um peixe de água doce, de mais dum metro de comprimento e não tem escamas (é peixe de pele) e por isso é imundo. Em certos países o dourado (do gênero Salminus) de água salgada, tem escamas, e é limpo.
Enguia
Esgana-gata
Espadarte (Peixe-espada, aguilhão)
Espátula
Esturjão (Peixe de cola, esturião, peixe-solho, solho-rei, caviar)
Galhudo (Tubarão galhudo, melga)
Jamanta (Peixe-morcego)
Lampreia
Lula

Mariscos

Camarão
Caranguejo
Gastropode
Haliote
Lagosta
Mexilhão
Molusco
Ostra

Aves de rapina, carnívoras, e outras

Abetouro
Abutre
Águia
Águia-pescadora
Albatroz
Alca (Uria)
Alcavirão
Andorinha (Andorinhão)
Arara azul
Avestruz
Bicudo
Bútio
Cegonha
Condor
Cormorão
Coruja
Corvo
Cuco
Falcão
Flamengo (Flamingo)
Gavião
Gaivota
Galeirão
Frango d’água
Garça
Gralha
Grou
Guará
Guincho
Íbis

Merlim
Pata-Roxa (Pinta-roxa, carraça)
Peixe-Anjo (Viola)
Peixe-gato (Bagres)
Rato-do-Mar (Xuxo)
Surubim
Tubarão (Peixe-martelo, cornuda)

Animais de corpo mole

Sépia
Lapa
Lula (Calamar)
Medusa

Mamíferos do mar
Baleia

Delfim (Golfinho)
Foca
Lontra
Morsa (Vaca-marinha) e Peixe-boi
Toninha (Botos da baía de Guanabara)

Pentéola (tipo ostra, conhecida no Brasil como vieira)

Maçarico-das-rochas
Mergulhão
Mocho
Morcego
Papagaio
Pega
Pelicano
Pica-pau
Pingüim
Quero-quero
Saracura-carijó
Tarambola (Maçarico)

Apenas Uma Questão de Saúde?

Será que a ciência e a medicina podem nos ajudar a entender melhor por que a Bíblia menciona alguns animais como impróprios para o consumo humano?

Por que Deus distinguiu entre carnes limpas e imundas—animais que servem e não servem para o consumo humano—nas Escrituras? Há algo mais nessa história? Podemos encontrar uma conexão com a saúde?

Esta é a razão específica que Deus deu aos israelitas para proibi-los de comer animais imundos ou até tocar suas carcaças: “Sereis santos, porque Eu sou santo” (Levítico 11:44-45). Nesta passagem, Deus não faz distinção entre animais limpos e imundos especificamente para a saúde.

Entretanto, o contexto mais amplo de Levítico e Deuteronômio incluem muitos problemas de saúde e higiene. Os quatro capítulos de Levítico que contêm a lista de carnes limpas e imundas tratam de precauções pós-parto e dos meios para identificar e eliminar a propagação de doenças transmissíveis. Portanto, as distinções entre carnes limpas e imundas aparecem em um contexto de saúde e bem-estar.

As distinções entre carnes limpas e imundas são uma questão de saúde? Deus os revelou como diretrizes de saúde para os antigos israelitas e, consequentemente, para as pessoas hoje em dia? O consumo de animais classificados como imundos pode trazer danos imediatos ou em longo prazo à nossa saúde?

O ponto de vista dos eruditos

Muitos fatores, como dieta, composição genética, ambiente, exercício e bons e maus hábitos afetam nossa saúde. No entanto, pesquisadores teológicos e médicos reconheceram os benefícios de seguir as leis alimentícias das Escrituras.

Em uma nota sobre Levítico 11-15, o *Comentário Bíblico do Expositor* declara: “Em geral, pode-se dizer que as leis protegiam Israel da má alimentação, de vermes perigosos e de doenças transmissíveis. Somente agora, com o avanço da medicina, tem sido possível melhorar as normas de saúde. Essas eram leis práticas que, sabiamente, Deus deu a um povo que não entendia o motivo da provisão . . .

“O hebreu não devia evitar apenas comer animais imundos, mas também deixar de tocar em suas carcaças mortas. Assim, essas leis automaticamente ajudaram a controlar os vermes. Animais imundos comuns eram aranhas,

moscas, insetos, ratos e camundongos. Um rato morto não era esquecido em uma casa hebraica. Logo, ele era retirado e enterrado cuidadosamente. Em seu esforço para evitar tais problemas, a dona de casa hebreia geralmente mantinha a casa limpa . . .

“É verdade que algumas culturas adotaram regras semelhantes por alguma experiência infeliz. O [Antigo Testamento] não obteve seus tabus das culturas vizinhas, mas algumas outras culturas adotaram, posteriormente, alguns desses tabus . . . Essas leis foram engenhosamente criadas por Deus para a saúde geral da nação” (R. Laird Harris, Vol. 2, 1990, p. 569).

O professor de teologia Roland Harrison escreve: “A classificação das espécies de animais em categorias limpas e imundas (Levítico 11:1-47) é significativa porque, sendo parte do código médico do Pentateuco, constituiu a base de normas alimentares que ainda são respeitadas pelos judeus ortodoxos e por gentios preocupados em manter uma boa saúde física.

“Essa categorização também é importante, tendo em vista o fato de ser única nos anais da literatura do Oriente Próximo, porque sua ênfase não está tanto na prevenção de práticas mágicas associadas a certas espécies de animais, mas no delineamento positivo de princípios alimentares destinados a assegurar o bem-estar físico do indivíduo e da nação por meio de uma abordagem [preventiva] consistente” (*Introdução ao Antigo Testamento*, 1999, p. 603).

O ponto de vista dos médicos

As leis de saúde da Bíblia têm algum fundamento médico? Os médicos S.I. McMillen e David E. Stern resumem sua opinião sobre essas leis que Deus revelou aos israelitas: “Durante séculos, as epidemias mataram milhares de egípcios e hebreus. Os tratamentos antigos raramente ajudavam. Muitas vezes, a ‘cura’ era pior do que a doença. Contudo, aqui [Êxodo 15:26] Deus fez uma promessa fantástica—livramento das doenças.

“Então, Deus deu a Moisés muitas normas de saúde, preenchendo uma seção inteira da Bíblia. Moisés registrou centenas de normas de saúde, e nenhum único equívoco médico de hoje.

“Milhares de pessoas morreram ao longo dos séculos, porque os médicos ignoraram as normas bíblicas. Finalmente, quando os médicos leram e tentaram seguir essas diretrizes, rapidamente descobriram como impedir a propagação de epidemias. Assim, Moisés poderia ser chamado de pai do moderno controle de infecções. Até hoje ainda estamos nos beneficiando das instruções de Deus de 3.500 anos atrás” (*None of These Diseases: The Bible's Health Secrets for the 21st Century* [Livres de Doenças: Os Segredos da Saúde na Bíblia Para o Século XXI, em tradução livre], 2000, p. 11).

O médico Rex Russell acrescenta: “Ao examinarmos a ciência e a nutrição modernas, descobriremos que . . . há uma incrível sobreposição entre as leis originais de Deus sobre o limpo e o imundo quanto aos adequados princípios de higiene . . . As escrituras e a pesquisa médica concordam que o estilo de

vida moderno, que ignora as leis e o projeto de Deus, encurta a vida e acelera a morte” (*What the Bible Says About Healthy Living* [O Que A Bíblia Diz Sobre Uma Vida Saudável, em tradução livre], 1999, pp. 14, 16).

O nutricionista David Meinz diz que, mesmo que não entendamos todos os aspectos das leis alimentícias da Bíblia, seria sensato segui-las.

“Muita da sabedoria revelada na Bíblia agora faz sentido para nós à luz de nossa visão moderna”, diz ele, “mas será que isso significa que não devemos considerar as áreas que ainda não foram cientificamente comprovadas?”.

“Somente nos últimos cinquenta anos descobrimos que a gordura animal é ruim para nós. Para o cristão de um século atrás, a diretiva de Levítico 3:17 para evitar a gordura animal não fazia nenhum sentido. No entanto, isso está claro para nós hoje. E se houver algo na lagosta prejudicial à nossa saúde? E se descobrirmos isso só daqui a cinquenta anos? Devemos exigir evidências científicas antes de dar à Bíblia o benefício da dúvida?” (*Eating by the Book* [Dieta Bíblica, em tradução livre], 1999, p. 226).

O médico Reginald Cherry comenta sobre o motivo de médicos e pesquisadores concordarem com as instruções da Bíblia sobre não comer gordura.

“Por que essa proibição contra a gordura é tão importante para nós?”, ele pergunta. “Nos grandes países desenvolvidos, mais de 53% das pessoas morrem de doenças cardíacas. As doenças cardíacas geralmente são causadas por depósitos de gordura acumulados nas artérias, e quase sempre isso começa na adolescência” (*The Bible Cure* [A Cura Através da Bíblia, em tradução livre], 1998, p. 34, edição impressa).

Tabus culturais ou revelação divina?

Como demonstrado, algumas normas alimentícias da Bíblia oferecem benefícios comprovados à saúde, mas o que podemos dizer sobre suas outras instruções? O doutor Cherry continua: “...O Antigo Testamento...contém muitíssimas revelações de Deus sobre higiene, alimentos saudáveis e... prevenção de doenças. Como médico especializado em medicina preventiva, acho o Antigo [Testamento] fascinante e intrigante. Ao longo de seu antigo texto hebraico, encontramos muitos segredos e mistérios não revelados sobre o que devemos comer e como evitar coisas contaminadas e que nos adoecem, e que substâncias naturais podem ser usadas para realizar a cura...”

“Os hebreus não procuravam entender mais sobre anatomia, ciência ou ordem natural, assim como seus contemporâneos das antigas civilizações do Egito, da Mesopotâmia ou da Grécia. Ao contrário, qualquer coisa que pudesse ser descoberta nos antigos textos hebraicos da Bíblia tinha que chegar até eles através do conhecimento divino e sobrenatural revelado por Deus. Portanto, o que descobriremos do Antigo [Testamento] não surgiu de especulações humanas sobre saúde e medicina, mas da própria Palavra de Deus sobre a cura para nós—Sua criação. Como Criador, Deus sabe mais sobre nossos corpos, Sua criação, do que poderíamos descobrir através da filosofia ou da ciência...”

“As listas de animais limpos e imundos de Levítico 11 e Deuteronômio 14 têm um significado, mas geralmente têm sido ignoradas. Longe de ser um catálogo de tabus alimentícios baseados em moda ou fantasia, essas listas destacam um fato que não foi descoberto até o final do século passado [década de 1800] e ainda não é inteiramente conhecido: Os animais carregam doenças perigosas para o homem” (pp. 27, 30 39).

Há risco para a saúde dos seres humanos?

O doutor Russell pergunta: “O que há de tão bom em carnes ‘limpas’ e o que é tão ruim em carnes ‘imundas’?” Ele continua explicando que “a carne de animais limpos, como carne bovina e peixes que têm escamas e barbatanas, é ideal para a saúde dos seres humanos—exatamente como seria de esperar de um Criador amoroso...Muitos animais terrestres, que Deus criou para alimentação, fornecem um benefício adicional, pois geralmente comem gramíneas e grãos que também foram criados para alimentação” (Russell, pp. 73-74).

Por outro lado, David Meinz resume o risco potencial à saúde por conta do consumo de criaturas que a Bíblia classifica como imundas. “Quase todas as criaturas da lista dos imundos são necrófagas”, observa ele. “Em muitos casos, elas não caçam sua própria comida, mas comem a matéria morta e em decomposição do nosso ambiente. Um peixe-gato faz isso no fundo de um lago e lagostas e camarões fazem isso no oceano. Um porco come qualquer coisa. Os abutres, quase por definição, são conhecidos pelo hábito de se alimentar de carniça” (Meinz, p. 225).

Russell observa que “um animal não precisa, necessariamente, ser um necrófago para ser imundo. por exemplo, cavalos e coelhos são imundos porque não têm cascos divididos. Embora eles sejam considerados uma comida saudável em alguns países, estudos mostraram que a carne de cavalo, geralmente, contém vírus e parasitas. Os coelhos, por mais inocentes que pareçam, são a causa da tularemia (uma doença infecciosa) nos seres humanos.

“Uma razão para Deus proibir a carne de porco é que o sistema digestivo de um porco é completamente diferente do de uma vaca. Ele é semelhante ao nosso, pois o estômago é muito ácido. Os porcos são gulosos e não sabem quando parar de comer. Seus ácidos estomacais se diluem por causa do volume de alimentos, permitindo que todos os tipos de vermes passem por essa barreira protetora. Parasitas, bactérias, vírus e toxinas podem passar para a carne do porco por causa do excesso de comida. Essas toxinas e agentes infecciosos podem ser transmitidos aos seres humanos quando estes comem a carne de um porco” (Russell, p. 76-77).

O doutor Don Colbert acrescenta: “Além de serem glutões, os suínos também são animais extremamente sujos. Eles comem lixo, fezes e até carne em decomposição. Geralmente, tudo o que é consumido se torna parte da carne do porco...Além de doenças frequentemente transportadas pelos suínos, a carne de porco também é uma carne muito gordurosa. As toxinas da carne de

porco são mantidas principalmente na gordura, que não é isolada da carne, como é na carne magra, mas dispersa por toda a carne do animal” (*A Dieta de Jesus e Seus Discípulos*, Editora Thomas Nelson, 2006, pp. 49-50).

Veneno no prato?

A evidência que apoia o ponto de vista de Russell é chocante. Ele escreve: “Nos Estados Unidos, três de cada seis doenças parasitárias humanas mais comuns transmitidas por alimentos estão associadas ao consumo de carne de porco. Entre as quais estão a toxoplasmose, teníase ou cisticercose (causada pela tênia do porco *Taenia solium*) e triquinelose...”

“Há muito que se reconhece que a carne de marisco—camarão, caranguejo, lagosta, etc.—é, notadamente, perigosa. Muitas doenças, inclusive paralisia repentina, afligem algumas pessoas diariamente como resultado de comer mariscos.

“O maior surto de cólera nos Estados Unidos ocorreu na Louisiana de agosto a outubro de 1986. (Os sintomas de cólera são diarreia persistente, levando à rápida desidratação, inconsciência, hipotensão e morte). O que essas pessoas atingidas comeram? Verificou-se que as refeições suspeitas incluíam macarrão de arroz com camarão, carne de porco, legumes, sopa de mexilhão, sangue de porco coagulado com vinagre e camarão com salmoura e legumes misturados.

“Se os mariscos forem colocados em um recipiente de água contaminado com bactérias de cólera, eles purificarão a água. Camarão, ostras, caranguejo, conchas e mexilhões são particularmente eficientes nisso. Eles filtram grandes volumes de água todos os dias. As águas residuais carregadas de produtos químicos, toxinas e bactérias nocivas, parasitas e vírus concentram-se nesses frutos do mar. A causa de surtos de cólera em várias áreas foi atribuída a camarões, caranguejos, ostras e mariscos contaminados.

“Ao ler tudo isso, não nos surpreende saber que a Assembleia Legislativa da Califórnia propôs uma lei exigindo que a indústria de alimentos colocasse nos rótulos dos produtos com moluscos o seguinte aviso: ‘Esse alimento pode ser perigoso para sua saúde’. Por quê? Em um único ano, cinquenta mortes e diversas hospitalizações foram causadas pela ingestão de mariscos” (Russell, pp. 78-79).

A finalidade desses animais

Se essas criaturas não foram criadas para servirem de alimento, por que Deus as criou? O Dr. Russell explica: “Por um lado, elas desempenham um papel útil apenas de limpeza de lugares. Entretanto, muitos animais impuros, principalmente porcos e mariscos, não são saudáveis porque sua dieta consiste do lixo gerado pelos seres humanos, que é carregado de doenças.

“Os porcos comem o lixo e o esgoto da Filadélfia há mais de cem anos, economizando à cidade três milhões de dólares por ano em custos de aterros. Essa é uma maneira inteligente de se utilizar os porcos. Pois, eles foram

projetados para limpar nosso ambiente.

“Mesmo quando empilhados em gaiolas, os leitões engordam com migalhas mesmo quando apenas o porco da gaiola superior recebe comida. Os suinocultores aumentaram seus lucros alimentando os porcos com resíduos de esgoto gratuitos. Geralmente, os avinocultores mantêm um porco na propriedade para que possam descartar os frangos mortos sem ter que enterrá-los” (Russell, p. 81).

Algumas espécies de peixes e mariscos desempenham um papel semelhante na água. O Dr. Russell observa que “entre os peixes frequentemente consumidos, o bagre...sempre apresenta os mais altos níveis de contaminação da água quimicamente poluída. Após algum vazamento de produtos químicos, os pescadores locais são avisados para não comerem bagres [peixe-gato]” (ibid.).

Até mesmo o bagre criado comercialmente é um risco potencial à saúde, observa ele. “A organização *Consumer Reports* realizou testes em peixes comprados em vários mercados nos Estados Unidos. Os peixes são considerados contaminados quando a quantidade de bactérias é superior a dez milhões por grama de carne. Quase todos os bagres tinham contagens que ultrapassavam a escala de vinte e sete milhões por grama, mesmo quando preparados adequadamente” (ibid.).

Qual foi a conclusão do doutor Russell? “Embora os suínos ajudem a limpar a terra e os moluscos e os bagres tenham sido eficazmente projetados para purificar a água, não queremos comer o que eles limpam!” (Ibid).

À luz desses fatos, raramente divulgados, podemos entender e contemplar melhor as palavras de Deus através de Moisés: “Guarda e ouve todas estas palavras que te ordeno, para que bem te suceda a ti e a teus filhos, depois de ti para sempre, quando fizeres o que for bom e reto aos olhos do SENHOR, Teu Deus” (Deuteronômio 12:28).

Que todos tenhamos o cuidado de “discernir entre o impuro e o puro” (Ezequiel 44:23).

Ajuda extra

Se você tiver perguntas ou comentários sobre a aplicação das leis alimentícias bíblicas para os cristãos, escreva para o escritório mais próximo da lista da página 36 ou info@ucg.org. Nossa equipe terá prazer em ajudá-lo.

Um Caso do Ministério de Jesus Cristo

Muitas pessoas creem que Jesus Cristo aboliu as distinções entre carnes limpas e imundas, embora, como vimos, não exista nenhuma evidência disso nas Escrituras. Entretanto, a Bíblia tem um relato de um incidente revelador, que mostra se Jesus via os porcos como adequados para alimentação.

Antes de examinarmos esse relato, vamos entender uma parte do caráter de Cristo—algo que parece indicar que Ele nunca foi desperdiçador.

Durante o Seu ministério, em duas ocasiões Jesus multiplicou milagrosamente alguns peixes e pães para alimentar as multidões que O seguiam—em uma dessas ocasiões havia quatro a cinco mil pessoas presentes (Mateus 14:15-21; 15:32-38). Mas, apesar da abundância de alimentos, Cristo não permitiu que nada fosse desperdiçado. “E, quando estavam saciados, disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca” (João 6:12).

Os discípulos encheram dozes cestos com o resto da comida após o primeiro desses milagres e sete após o segundo. Ele disse, especificamente, a Seus discípulos para não permitir que nada daquilo fosse jogado fora.

Com o entendimento de que

Jesus era compassivo e não desperdiçava comida, vamos examinar um incidente que ocorreu com Ele e que envolveu alguns animais imundos—um grande rebanho de porcos.

Marcos 5:1-13 registra que Jesus atravessou de barco o mar da Galileia para a região de Gadara, uma área gentia (não judaica) na costa leste. E ali, Ele foi abordado por um homem possuído por demônios, de quem logo expulsaria muitos espíritos malignos.

Nesse notável encontro, os demônios pediram que Jesus os enviasse para um rebanho de dois mil porcos em uma encosta próxima. Jesus concedeu o pedido deles e, quando os demônios entraram nos porcos, “e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar...e afogou-se no mar” (versículo 13).

Muitos ficaram intrigados com esse surpreendente incidente em que Jesus acabou com um valioso rebanho de dois mil porcos—o suficiente para alimentar milhares de pessoas. Contudo, não devemos nos surpreender se entendemos as instruções bíblicas de que esses animais nunca deveriam ser criados para alimentação, e seu dono estava agindo contra as leis de Deus.

Além dessa questão, Jesus não considerava os porcos adequados

para alimentação—mesmo para os gentios daquela área. O compassivo Salvador da humanidade, que ordenou que pedaços de pães e peixes fossem recolhidos e não jogados fora, nunca teria desperdiçado um recurso tão valioso se considerasse os porcos uma

parte aceitável da dieta humana.

Jesus é “o mesmo ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8). Os animais que Ele considerava impróprios para consumo humano há dois mil anos continuam sendo impróprios para nós na atualidade.

Apenas Uma Questão de Cozimento Adequado?

O que podemos dizer sobre o ponto de vista comum de que Deus proibiu os israelitas de comer carne de porco para que não pegassem doenças, como a triquinose, da carne mal cozida? Esse ponto de vista resiste a uma análise detalhada?

Observe as conclusões do doutor Rex Russell: “Algumas pessoas me dizem que, diferentemente das pessoas dos tempos bíblicos, hoje cozinhamos a carne muito melhor, e isso faz com que até carnes impuras sejam inofensivas. Um comentário da Bíblia afirmou que a carne de porco era proibida no Antigo Testamento porque era consumida sem ser cozida, passando assim a triquinose para os seres humanos. O autor pensava que, pelo fato de agora cozinhamos carne, não precisamos mais seguir essa lei.

“Em minha opinião, esta afirmação está incorreta. Alguns fornos sofisticados e utensílios de cozinha foram encontrados nas mais antigas ruínas arqueológicas, inclusive na maioria das ruínas dos israelitas.

“Certamente, eles entendiam que cozinhar carne era importante. Será que podemos afirmar com segurança que as doenças causadas por animais impuros desapareceram apenas porque agora cozinhamos melhor?...Até o forno de micro-ondas aquece a carne de maneira desigual, permitindo que bactérias e parasitas (como a triquinose) sobrevivam na carne. Muitos surtos de infecções terríveis se originaram dos chamados alimentos cozidos. Se a comida é impura, não espere que o cozimento irá protegê-lo. Alguns dos venenos mais tóxicos não são destruídos pelo calor.

“Um preocupante estudo escocês revelou que a intoxicação alimentar por toxinas, vírus ou bactérias ocorreu apesar de uma inspeção minuciosa em todas as etapas da preparação dos alimentos, incluindo o manuseio e o cozimento” (*What the Bible Says About Healthy Living* [O Que A Bíblia Diz Sobre Uma Vida Saudável, em tradução livre], Rex Russell, 1999, p. 80).

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida

P O Box 541027

Cincinnati, OH, 45254-1027

Telefone: +1 (513) 576 9796

Brasil:

Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 2027

Uberlândia – MG,

CEP 38400-983

Telefone: +1 (513) 576 9796

Angola

Igreja de Deus Unida, Angola

Caixa Postal no.12

Cacuaco-Luanda, Angola

Telefones: +244 924 436 054 / +244 923 719 704

Internet:

<http://portugues.ucg.org>

www.ucg.org

e-mail: info@ucg.org

Autor: United Church of God

Contribuinte editorial: Scott Ashley

Revisores editoriais: John Bald, Roger Foster, Roy Holladay,
Paul Kieffer, John Ross Schroeder, Mario Sieglie, Donald Ward

Fota da Capa: Ilustração fotográfica por Shaun Venish/

Fotos Corel Professional

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutores: José dos Santos Martins, Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos, Luís de Andrade

Para Saber Mais . . .

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em várias partes do mundo.

Nossas raízes se remontam à Igreja fundada por Jesus no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que foram estabelecidas naquela época. A nossa missão é proclamar o evangelho do futuro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e ensinar a todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuito: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua assinatura gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, que contém doze lições, o qual também custos é gratuito.

Estamos agradecidos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja, e outros colaboradores, que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Não solicitamos doações ao público em geral. No entanto, aceitamos, de bom grado, contribuições para nos ajudar a compartilhar esta mensagem de esperança a outros. Toda nossa contabilidade é auditada por auditores independentes.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos Seus seguidores a apascentar as Suas ovelhas (João 21:15-17). Para ajudar a cumprir esta instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo. Nelas os crentes reúnem-se para receberem o verdadeiro ensinamento das Escrituras e para terem uma convivência cristã.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que buscam, sinceramente, adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhar, responder e explicar qualquer questão sobre a Bíblia. Se desejar contactar um de nossos ministros, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato com nosso escritório mais próximo de sua residência.

Informação adicional: Visite o nosso site revistaboanova.org para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.